

AÇÃO DIRETA

SEMANARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

No Estado capitalista lutam todos
contra todos e cada um para si; na
Anarquia colaboram todos com todos e
cada um para si.

ANO I

Rio de Janeiro — Quinta-feira, 10 de outubro de 1946

N.º 22

O STERNERISMO

O individualismo de Stirner não é, como supõem muitos companheiros, um sistema de isolamento e separação. Ao contrário, é o alicerce sobre que deve ser edificada a anarquia.

O sterneriano vê na anarquia uma organização de individualistas onde se deve encontrar o máximo grau de liberdade individual porque, de outro modo, corre a anarquia o risco de degenerar em partido.

Para Stirner é o individualismo sinônimo de egoísmo e, conseqüentemente, o anarquista individualista outra coisa não pode ser que um egoísta consciente.

O que todo mundo conhece como egoísmo é coisa insignificante comparado ao egoísmo consciente; é o egoísmo dos hipócritas. Eles são egoístas mas negam esse egoísmo. Chamo a isso egoísmo dos negociantes, dos ladrões e dos pobres, cuja necessidade imperiosa é furtar; é o egoísmo dos doentes e dos escravos. Todos esses são e não são egoístas; falta, para eles, um termo exato, definidor.

O verdadeiro individualista não engana nem furta. Ao contrário, dá tudo o que possui para poder alcançar o de que precisa.

Isso parece contradição; mas, tal egoísmo produz efeitos iguais aos do altruísmo, ou por outras palavras, o altruísmo nada mais é que a qualidade do egoísmo consciente. Podemos até dizer que «o altruísmo não é outra coisa que o egoísmo».

O altruísmo, em si, não existe. Toda ação aparentemente altruísta, em última análise, é uma ação egoísta.

Perguntar-me-ão: «Que pode você dar?»

Oh! muitas coisas posso eu fazer agradáveis aos outros. Posso, por exemplo, visitar uma família amiga ou um companheiro numa casa de saúde; posso varrer a rua ou trabalhar numa fábrica; posso projetar pontes e edifícios ou linhas de comunicação. Se sou artista, posso dar minha arte para deliciar o próximo. Posso até dar minha vida para defender a federação anarquista.

Vêde que diferença entre o egoísmo dos ladrões e o egoísmo de Stirner! Dou tudo, isso para receber em troca satisfação espiritual e material, porque sei que os outros individualistas da minha federação procedem do mesmo modo. Como egoísta, sirvo-me da associação para aumentar a minha força, para satisfazer meus desejos e deixa-lá-ei quando não mais corresponder às minhas esperanças. Note-se: deixo a associação, mas não a federação.

O primordial é minha satisfação.

Disse Stirner: «Para mim, nada mais é que um alimento; assim também, tu me podes consumir. Entre nós só uma relação existe, a da utilidade, do aproveitamento, da vantagem».

Compreende-se muito bem que eu tenha de sacrificar parte da minha liberdade; mas, nunca, minha individualidade. Ainda assim, nada perco; apenas troco minha força ou minha inteligência por

aquilo de que preciso para satisfazer meu egoísmo.

Para o individualista, há tantas associações quantas necessidades. Exemplo: procuro F. para conversar sobre literatura; sei que lá vão sempre outros interessados no assunto. Temos uma associação passageira, para satisfazer, cada qual, a si mesmo. Quantas associações dessas numa federação! Outro exemplo: trabalho na associação dos pedreiros e ajudo a construir uma fábrica. Temos uma associação de pedreiros, ou melhor, um sindicato. Conseqüentemente, a Anarquia é uma federação de inúmeras associações e sindicatos e suas relações mútuas formam a base da harmonia, da liberdade e do bem estar de cada um.

Dess'arte é a federação anarquista uma unidade de individualistas guiados, nas suas atividades pelo princípio: «Faze o que podes e toma o de que precisas».

Não me satisfazendo a associação, separo-me e busco outra. A permanência é tão egoísta quanto o afastamento; em ambos os casos procedo como anarquista individualista. O indivíduo sem vontade própria é escravo, talvez de cousas sagradas; não é homem livre; é prisioneiro sonhando com a liberdade.

E a liberdade? Que será?

Será sempre *saudade!* Jamais pode o indivíduo ser totalmente livre; nem na Anarquia! Acham

vocês que limpo o esgoto ou cavo na mina a meu bel prazer? Nem na solidão sou livre. O solitário não se livra da fome, dos piolhos, de mil outras restrições.

A liberdade ensina-nos apenas a safar-nos de quanto nos incomoda; mas, a individualidade lembra-nos sempre a não perder tempo com o que outros têm por sagrado. Exemplos: dizem-me ser cousa sagrada a lei, o Estado, o governo, a propriedade, etc. Se aceitares isso como exato perderás logo tua individualidade e tua liberdade.

Todo indivíduo quer ser livre: um, de uma dor de dentes; outro, de um imoportuno; outro, de uma mulher. Mas, o que procura, só ele, ser livre, cai, fatalmente, em qualquer escravidão. Não assim, o individualista consciente.

Só a individualidade realiza a liberdade. Só ela é criadora de tudo, até da Anarquia. Que é o que te liberta da escravidão? Só tu mesmo. E que fica se estás livre de tudo? Só tu como criador da tua liberdade.

Esse é, em poucas linhas, o individualismo de Stirner.

Por aí se vê quanto um sterneriano se preocupa com a reconstrução da liberdade.

Para mim, o egoísmo puro ou o individualismo consciente é, na realidade, a base da Anarquia.

GERMINAL

A força sindical

P. FERREIRA DA SILVA

O pano de boca do fascismo rasgou-se, deixando passar uma claridade que os povos começam a aproveitar para dar alguns passos num caminho livre. Mas, por trás dos bastidores, permanecem influências fascistas, querendo desviar essa claridade e tapar os olhos do povo.

Afeitos a uma sindicalização tantos anos inspirada por interesses contrários aos dos trabalhadores, estes já não sabem a força que reside no sindicalismo, como organização proletária e livre, unindo todas as aspirações e defendendo todas as necessidades da classe obreira.

A nova claridade mostra um caminho que se perde no horizonte; mas, os olhos atrofiados parece que enxergam perto e temem a jornada, ou depressa se perdem nos obstáculos estranhos e desviam seu olhar para as coisas pequenas.

Não é demais lembrar que a força sindical já foi respeitada, considerável e influente na organização

operária. Muito mais o poderá ser hoje em dia, diante dos problemas cada vez mais prementes que o desenrolar dos tempos vai colocando como desafio à capacidade dos homens para as formas adequadas de uma sociedade em evolução.

O sindicalismo é, sem dúvida, o melhor sistema de defesa das classes trabalhadoras, porque torna possível uma organização ampla e um planejamento racional dos seus meios de ação, tendo por base, ao mesmo tempo, o interesse comum e as necessidades peculiares a cada classe. Representa, além disso, uma força econômica, social e educativa, contribuindo para a implantação de uma consciência coletiva e de um sentido de solidariedade que une todos os ramos de atividade produtora.

Mas essa força sindical tem de ser manejada pelos trabalhadores, sem interferência de elementos que só lhe podem anular a influência e deturpar as finalidades sociais.

Rasgou-se o pano de boca do fascismo e pelas suas nesgas infiltrou-se um pouco de claridade. O cenário deixou que se movessem algumas figuras novas e veio à discussão um dilema. Trata-se de resolver-se convém mais ao operariado a unidade ou a pluralidade sindical.

É claro que, se a união faz a força, a unidade sindical há de ser mais conveniente; mas que não se seja imposta, ditada por motivos políticos ou razões de um partido que pretende monopolizar a organização obreira. Dentro dos princípios de liberdade, que só o anarquismo respeita, qualquer classe operária, qualquer indústria, qualquer setor trabalhista há de poder organizar-se em sindicatos conforme a sua própria conveniência ou desejo. Que importa que os sapateiros de uma cidade tenham dois ou três sindicatos, se cada um deles interpreta e defende as aspirações dos seus componentes? E, se essas aspirações forem idênticas, facilmente se conjugam e formam uma força única e comum.

Mas temos de convir que os sindicatos únicos evitam dispersão de esforços. Os

(Continua na 4ª pag.)

LIÇÕES PARA A HISTÓRIA

Pedro Guedes Alcoforado

O Tribunal de Nuremberg condenou e executou um grupo de criminosos de guerra nazistas.

Os nomes de cada um não importa. O que importa é o fato em si mesmo, isto é, a execução de um grupo de homens maus, perversos, degenerados, que desencadearam uma guerra para se aposarem do mundo; e porque perderam uma guerra, perderam a vida.

O fato, porém, merece mais comentários, pois temos de encarar-lo sob duplo aspecto. O primeiro é insubsistente por ser demagógico. A demagogia está em ser considerada a guerra um crime. Na guerra como na política só há um crime: perder.

Certo esses homens á luz da razão, mereceram a morte que tiveram. Mataram milhões de criaturas, roubaram, atentaram contra as liberdades humanas, quiseram se apossar do mundo que deveria ser de todos. Mas se esses motivos são verdadeiros em substância, são falsos em face dos outros donos do mundo, pois os políticos de toda a terra nunca quiseram outra coisa senão se apossarem do mundo. Condenam nos outros o que eles também fariam se pudessem. A prova disto está visível, incontestável na recente reunião de Paris, no palácio de Luxemburgo. Ali se reuniram todos os vencedores para organizarem a paz, e o que resultou não foi a paz, mas o plantio da semente de uma nova guerra que virá por aí, inevitável, dentro de poucos anos. Todos procederam

como os nazistas enforcados. Nenhum respeitou os direitos dos outros, a propriedade dos outros, as liberdades dos outros. Os maiores esmagaram os pequenos, inclusive os seus aliados; negaram-lhes até o direito de reclamarem. Ainda estão ocupados pelos exércitos dos grandes como se fossem criminosos. Haja vista a Polônia, a Grécia, a Áustria, a Jugoslávia. Os grandes, pelo simples fato de serem grandes, arrogam-se a ter mais direitos do que os outros.

O segundo aspecto é filosófico e se resume num enunciado muito simples: Desde que nasceu o primeiro político nasceram o egoísmo e a desordem no mundo. Os militares fazem as guerras, mas, quem as organiza são os políticos e as provocam. Daí resulta que o único crime é perder.

Se os alemães tivessem ganho esta guerra, os criminosos seriam Churchill, Stalin, Roosevelt, Eisenhower, Truman e todos os chefes de Estado que se opuseram á Alemanha. Isso não é novo nem original. Todos os reis e tiranos que fizeram guerras trataram os vencidos de modo igual.

Ninguém pense que o Tribunal de Nuremberg condenou os nazistas que perderam a guerra, porque em verdade consideram a guerra um crime. Mentira! A guerra para eles continua a ser um negócio dos mais fortes contra os mais fracos. Essa a verdade trágica que impede os povos de viverem em paz. E só os povos po-

dem impedir as guerras, negando-se a servir de carníça coletiva para saciar a ambição e o egoísmo dos donos do mundo.

Os povos conseguem tudo dos governos quando sabem querer, porque, em verdade a força dos poderosos está na passividade e obediência dos fracos. Reajam eles e a força dos poderosos deixa de existir. Infelizmente falta aos povos essa qualidade consciente. Em geral deixam-se levar pelo «respeito» ás leis sem pensarem que essas leis nada mais são do que formas demagógicas de obediência, de subordinação, ou exploração de entusiasmos brutais dos instintos desencadeados.

Porque se brigou nesta guerra, durante seis anos?

Pela liberdade de todos, disseram os políticos. Por uma vida melhor para a humanidade... E que temos? A mesma escravidão de sempre, os mesmos problemas, as mesmas crises, as mesmas desinteligências, desentendimentos e dissensões.

E a canalha que governa o mundo; que soube e pôde organizar a maior guerra da história; que soube e pôde resolver todos os problemas que surgiram durante essa mesma guerra da maneira mais eficiente, não sabe agora como organizar a paz; não sabe sequer resolver os problemas da alimentação e da moradia. Porque não podem? Não. Porque não querem. Porque são maus e perversos como os que foram fuzilados em Nuremberg. Só lhe interessam os povos na hora da matança.

Traduzimos do Serviço de Imprensa da A. I. T. o seguinte artigo do secretário geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, um dos mais qualificados anarquistas da atualidade, a quem tanto deve nosso movimento na Suécia.

Solenemente, fundou-se em Paris, por ocasião de um grande congresso internacional, uma nova Internacional Sindical, reformista. Um dos mais importantes projetos dessa Internacional era realizar uma ação imediata dos trabalhadores seus filiados contra o regimen dos gangsters de Franco. Desse modo, ajudar-se-ia o povo espanhol em sua luta por uma Espanha livre. Em alguns países até aplicaram os trabalhadores algumas ações diretas contra o fascismo sem esperarem as senhas oficiais da nova Internacional. Assim, organizaram-se grandes comícios de protesto e outras manifestações e, em certos casos, conseguiram os trabalhadores impedir a descarga ou a carga de mercadorias espanholas ou para a Espanha destinadas.

Porém, tais ações espontâneas foram freadas pelos dirigentes sindicais. A burocracia sindical a elas se opôs. Os trabalhadores tinham de aguardar, antes de agir, que a Internacional sindical lhes desse ordem para isso. Mas, até agora, tal ordem não lhes foi dada. Limitaram-se os dirigentes a umas quantas recomendações tíbias, dirigidas aos respectivos governos convidando-as à ruptura diplomática com Franco.

Quando os obreiros do porto de Oslo (Noruega) se negaram a descarregar mercadorias espanho-

A política governamental e o movimento sindical

por John Andersson

las, os dirigentes sindicais do país fizeram-nos desistir dessa atitude prometendo-lhes o envio de um delegado sindical a Paris, o qual deveria examinar ali, com a Internacional, as possibilidades de uma ação geral contra a Espanha franquista. No relatório apresentado depois por esse delegado, ao voltar de Paris, declarou ele que «nenhuma central sindical se movera contra Franco em desacordo com seu respectivo governo!» No referente ao movimento sindical britânico, chegou o delegado norueguês a estar de acordo com o governo obreiro em que ao governo cumpria dirigir a política externa do país, limitando-se a organização sindical a formular certas sugestões.

O congresso internacional dos transportes, celebrado, faz pouco, em Zurich, também discutiu a questão do bloqueio contra Espanha. Pois aí, a delegação britânica solidarizou-se, de todo, com o governo inglês e repeliu o boicote obreiro internacional contra o franquismo.

Essa é a situação em todas as partes onde o movimento sindical está dominado pelos reformistas governamentais. A resistência à ação direta dos obreiros é até maior nos países onde representantes operários intervêm no governo. Esses governos atuam em grande escala contra os próprios

obreiros. Haja vista a greve camponesa da Finlândia feita no mês do maio. O ministro dos preços e salários dirigiu-se aos grevistas convidando-os a suspenderem a greve; se não, ameaçou-os, em nome do governo, com a intervenção militar. O governo, declarou ele, procederá com todo o rigor. Idêntica situação já se dera em Finlândia quando da greve dos condutores de trens. O governo impediu a ação, assustando-os com a mobilização militar dos mesmos, em caso de conflito.

Ora, todo o governo finlandês está dominado pelo supramencionado ministro, sr. L. P. Härmä, representante da classe operária. Esse homem que entendia sufocar a parede camponesa com a intervenção militar não é outro senão o secretário geral da central sindical finlandesa. Cumpre assinalar ainda que os ministros comunistas no governo finlandês apoiaram sem discrepância essa atitude do sr. Härmä.

No mês de maio, os trabalhadores dinamarqueses levaram a cabo vasta parede de oposição rotunda ao governo. Porém, os dirigentes sindicais lograram por fim ao movimento declarando que os obreiros deviam acatar as leis do país e, assim, caso o governo, baseado nessas leis, desse ordem de regresso ao trabalho, deveria tal ordem ser acatada.

No último congresso da central sindical norueguesa, declarou-se que os trabalhadores noruegueses deveriam ser moderados nas suas reivindicações para não criar dificuldades aos dirigentes operários.

Durante a greve dos tipógrafos franceses, o ministro do trabalho pronunciou-se contra eles porque o movimento contrariava os interesses do governo e, por isso, tinha de furá-la.

Ser-nos-ia fácil alinhar mais exemplos dessa marca. Todos eles provam ser de todo impossível a luta dos obreiros se estes se acomodaram com qualquer governo. Demonstra-se, assim, que o maior obstáculo na luta do proletariado é a detenção do poder político por quaisquer representantes operários.

Esses fatos comprovam a necessidade de formar um movimento sindical independente dos partidos políticos e dos governos. O movimento sindical dos trabalhadores deve levar avante suas lutas sem ter em conta os interesses governamentais. Quando for necessário, deverá também lutar contra os próprios governos.

Administração

Pede-se insistentemente aos contribuintes de Ação Direta que não atrasem a remessa das suas contribuições. Qualquer atraso prejudica seriamente a marcha do semanário.

Fragmentos

Cala-te miserável!

Ao abrímos a Carta Magna, deparou-se-nos: «Nós, os representantes do povo brasileiro, reunidos, sob a proteção de Deus, em Assembléia Constituinte para etc, etc».

Com que falta de cerimônia, pensamos, esses senhores, que dizem falar em nome do povo, se declaram sob a proteção de Deus! Será que lhes veio procuração por intermédio do sr. Cardeal Cerejeira?!

Surpreendidos, embora, não podemos conter o riso; é que nos lembrara um episódio, ocorrido ao tempo em que os velhos gregos ainda navegavam, ou só à vista de terra, ou guiando-se pela Estrela Polar.

Um barco é apanhado por forte tempestade. A morte a rir-se já fareja! Passageiros e tripulação erguem preces aos céus, para aplacar a ira de Júpiter. O supremo deus dos gregos. Só dois indivíduos estão imperturbáveis! Uma onda, porém, que cobre o barco, dá a todos a imagem do fundo do mar.

Nesse momento, então, um dos dois indivíduos, célebre pirata do mar, tomado de horrendo pavor, ergue as mãos e clama por Júpiter. Ato contínuo, o outro, grande filósofo, como a querer impedir que ele proseguisse, grita: — Cala-te miserável! Se Deus sabe que estás no barco, aí mesmo é que estamos perdidos!

(Continua na 3ª pag.)

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICICA

Continuação do número 21

No sistema centralista, com efeito, há chefes, chefetes, subchefes locais e um cultivo intenso do sentimento de autoridade. Há, como no aparelhamento burguês, cargos, nomeações, suspensões, demissões, expulsões, etc.

81 — A comuna — O que se disse no número anterior, refere-se, tão somente, à organização preparatória dos trabalhadores na luta contra a burguesia proprietária, mas entremostra logo o fundamento da organização anárquica da sociedade futura.

A primeira condição, como se viu, é a agremiação dos trabalhadores de qualquer localidade em associações profissionais. O conjunto dessas associações constitui uma comuna.

Para esclarecer bem esse ponto capital, tomemos um exemplo. Suponhamos uma grande usina de açúcar numa zona de canaviais. Em regimen capitalista, é uma propriedade, pertence a um dono que, por si ou por um administrador, dirige os serviços, dando ordens, tirando o máximo esforço dos trabalhadores e pagando um salário mínimo. O dono mora em boa casa, tem criados de servir, estribaria com cavalos de sela, carros, estribeiros, etc. Há mecânicos para as máquinas, carpinteiros, ferreiros, pedreiros para novas obras ou reparos, fornecedores, turbinheiros, homens e mulheres do eito, carreiros, cambiteiros, metedores de cana, distiladores, etc. É uma população, digamos, de 600 almas nãmas cem famílias.

A organização ali é autocrática; a lei é a obediência às ordens transmitidas pelo feitor, fiscal do serviço, indivíduo privilegiado, com salário muito maior e, às vezes, pequeno interesse nos lucros.

Em regimen comunista anárquico, as terras, a usina, as casas são da coletividade; não há

dono, nem feitor, nem salário. Tudo é de todos, ninguém manda. Todo o serviço se executa por acôrdo mútuo e deliberações de cada sindicato.

82 — Tipos de comuna — O exemplo supra não faz ver as modalidades possíveis da comuna, pois o aspecto de cada uma variará conforme o ecúmeno geográfico. Chama-se ecúmeno uma região habitada. Como cada qual tem seus caracteres geográficos especiais, a população é forçada a adaptar-se às condições do meio adquirindo também caracteres próprios. Assim, a população nômade das estepes, a população dos oásis africanos, os esquimauas, os pescadores da costa senegalesa, os estancieros do Rio Grande do Sul, os seringueiros do Amazonas, são tipos muito diferentes, diferenciação produzida pelo ecúmeno geográfico, pelo modo de vida que os recursos de cada região impõem.

O comércio entre povos criou ecúmenos curiosos. Os mares navegados diariamente são ecúmenos, pois neles, dentro dos navios, vive permanentemente uma população inteira; a dos marítimos, com hábitos especiais e modo de vida característico. As estradas de ferro também, por si mesmas, constituem um ecúmeno para os indivíduos ocupados normalmente no seu serviço.

Compreende-se, pois, que as comunas variem de aspectos segundo o ecúmeno onde se formam. Uma estrada de ferro constituída em comuna ou feiras de comunas federadas, é manifestamente mui diversa, quer externa, quer internamente, no seu funcionamento, de uma comuna nos pinheirais do Paraná, de outra, criadora de gado, nos campos de Mato-Grosso, de outra, de pescadores, no litoral.

Entretanto, todas elas terão, de comum, o princípio fundamental da anarquia: de cada um segundo

suos fins, e para qual segundo suas necessidades.

83 — O município — Nos ecúmenos vastos ou densos, seria impossível ou inconveniente formar-se uma comuna só. Imperioso é constituírem-se múltiplas comunas perfeitamente relacionadas entre si. Esse agrupamento de comunas é o município.

Esse termo é impróprio. Deriva-se de *munus*, imposto, contribuição e *capere*, captar, perceber.

Em sociedade capitalista é exatamente a circunscrição administrativa menor do Estado, a ventosa dos tentáculos sugadores. Em comunismo anárquico, o município é um centro coordenador da atividade comunal, quer para a produção, quer para a distribuição, quer para o auxílio mútuo. Com efeito, o regimen anárquico é um regimen de cooperação geral, que necessita de um centro organizador de tal cooperação.

84 — A Federação — Os municípios, por sua vez, precisam de correlacionar-se, política e economicamente, num organismo já independente de um determinado ecúmeno. Podemos acentuar mesmo que esse novo organismo, mais vasto, coordena zonas, ecúmenos diferentes, para promover o entre-auxílio de todos.

Temos assim uma federação de municípios que pode abranger um país inteiro, com sua sede ou capital.

85 — A Confederação — Enfim, as várias federações, representativas de países ou frações de países, serão ligadas por um órgão coordenador delas, internacional portanto, a que chamamos Confederação.

86 — Característico da organização política anárquica. — Vimos que a organização burguesa atual parte de cima para baixo; a nação dividida em províncias, a província, dividida em municípios; o poder central, ou Estado centralizando a administração do

todo, fabricando leis impositivas, quer às províncias, quer aos municípios.

A organização anárquica, não assentando em nenhum poder, mas no acordo mútuo, é diametralmente o oposto à centralização; parte da comuna independente para o município, aliança de comunas; para as federações, aliança de municípios; até a confederação, aliança de federações. Veremos que, enquanto o Estado dá ordens a todos, os centros municipais, federais, e confederados, apenas recebem ofertas ou pedidos das comunas e regulariza o auxílio mútuo entre elas.

86 — Organização interna da comuna — Já sabemos que a comuna é uma associação de trabalhadores, entendendo-se por trabalhadores, homens e mulheres que procuram aproveitar as energias cósmicas para realizar a vida mais feliz possível. A primeira condição para colimarem esse desideratum é a liberdade ou melhor a anarquia. Dizemos liberdade e não licença. No estado de licença não há regimen, nem sistema social; cada qual faz o que entende, cada cabeça dá uma sentença, o acordo é impossível, e irrealizável a vida. A liberdade pressupõe o acordo mútuo e quem diz acordo diz limitação da vontade, compromisso moral de executar fielmente as cláusulas do acôrdo. Liberdade é a possibilidade de realização do acordo entre todos.

Desde que um indivíduo rompe o acordo, já impede que os demais o cumpram também, suprime-lhes a possibilidade de realização. Se sou pedreiro e me associo com um carpinteiro, um entelhador, um pintor, um ferreiro, para construirmos juntos cinco casas, uma para cada um, e se, feita a minha, alego um pretexto qualquer para não ajudar os outros, ou se falho ao serviço, lá chego tarde e saio cedo, impeço ou dificulto a realização do acordo feito, cerceio a ação dos

demais, tiro-lhes a liberdade de trabalho. Se sou mais forte que os demais, ou estou bem armado, posso impedir até que eles sezinham se atrevam a continuar a empresa. Nesse caso, o meu ato se denomina opressão.

De modo que, na comuna anárquica, há de haver perfeita igualdade social. Note-se bem que digo social. Os anarquistas proclamam que os homens são todos desiguais. Basta ver que não há dois indivíduos no mundo com impressões digitais idênticas. Também podemos afirmar, com maior razão, que não há dois cérebros iguais; não há dois caracteres, desejos, emoções, idéias, vocações, tendências, inteligências, nem aptidões iguais. Quando falamos em igualdade, referimo-nos à igualdade de condições sociais para desenvolvimento livre das desigualdades naturais. Sem essa igualdade, a liberdade, como a definimos, não se compreende.

Na comuna, portanto, não há nenhuma autoridade que obrigue a fazer ou deixar de fazer alguma coisa em virtude de lei. O indivíduo, entrando na comuna, aceita um acordo expresso ou tácito; compromete-se, expressa ou tácitamente, a cumpri-lo, mas ninguém o força a isso, caso não o queira mais. Como, porém, o acordo é em benefício dele, pois tanto maior será o seu bem-estar, quanto mais perfeita for a liberdade, isto é, a harmonia no cumprimento do acordo, os rompimentos serão raríssimos, se não impossíveis.

Hoje em dia, na sociedade capitalista, em que o bem estar individual é função da maior soma das riquezas adquiridas, são frequentíssimos os rompimentos de contratos e acordos, frutos da concorrência industrial e comercial.

Continua

AÇÃO ANÁRQUICA

A AUTORIDADE

A causa dos males sociais

" — Viver para ser livres, ou morrer para deixar de ser escravos"

PREXEDES GUERRERO

A autoridade é a recíproca da liberdade; são semelhantes às linhas paralelas, que nunca se encontram. A autoridade é a condição básica daqueles que pretendem dividir a humanidade em classes. Gera a revolta e a violência e é a matriz de todos os males que infestam a sociedade em que vivemos. Pois as restrições são incompatíveis com a natureza e a dignidade humanas.

São três os aspectos da autoridade: moral, político e econômico. A autoridade moral se exerce pela Religião; a política, pelo Estado, e a econômica, pela Propriedade. As três têm interesses comuns entre si e se confundem. Formam uma trilogia entrelaçada de tal maneira que seria impossível combatê-las separadamente, por partes; querer isolar os seus elementos seria como pretender cortar um membro do corpo humano sem prejudicar o seu conjunto. O combate a esses inimigos da Liberdade deve ser sistemático, sem concessões nem

Na casa do pobre

(Continuação da 2ª pag.)

Premida pela miséria, com o sistema nervoso esgotado e por tanto sem domínio sobre si própria, a família pobre se debate, numa desinteligência permanente. O casal se agasta, recrimina-se mutuamente, lamenta-se dos filhos que, por seu turno, dele se queixam.

Todos têm razão! A falta de tudo os traz irritadiços e, pelo mínimo, explodem. É a esposa que se lamenta porque precisa de uns sapatos, e o marido que instintivamente se zanga, não percebendo que o faz por reconhecer que ela tem razão e ele não vê com que comprar. Nem é por outro motivo que o garotinho que ainda há pouco estava no colo, sendo acariciado, agora leva uns repêlões e umas palmadas. É a miséria!

Mas, não ouse ninguém vir de fora a dizer mal de um só de seus membros... a coisa pega fogo!

Uma outra espécie de família eu a conheço que se debate nessa mesma desinteligência. Vivia em uma quinta; e um bandido, chefiando outros bandidos, com a indiferença de supostos homens de bem, invadiram-na e se aposaram delas.

Os tempos nos dirão se essa família foi esmagada.

O que é preciso é não perder a fé na sua própria força; é saber que a vitória é tanto mais firme quanto maior for a soma de sacrifícios empregada para conquistá-la!

Repitamos unidos!

— «Não ouse ninguém... a coisa pega fogo!»

Seraphim Pôrto

desfalecimentos até o seu extermínio. Qualquer tolerância ou indiferença significa pretexto para ocultar fraqueza ou falta de convicção. Não se pode hesitar. Ou exterminamos o dragão ou ele nos engulirá.

A autoridade moral

A autoridade moral é representada pela Religião. A Religião é um apêndice do Estado e alimenta-se com a seiva da Propriedade. A Religião procura influenciar subrepticamente nos destinos do povos. Principalmente a católica que predomina em geral nos países de civilização menos adiantada. Não escapamos à sua nefasta influência; haja vista a questão do divórcio, recentemente negada ao povo, como se fosse problema religioso e não social.

A religião é uma das mais perniciosas manifestações da autoridade, em virtude da sutileza do processo que emprega para conseguir suas finalidades. Influência desde a infância, antes da fase do raciocínio. Por esse meio criminoso, os ensinamentos religiosos gravam-se de maneira indelével na formação do ego quando a mente está por excelência receptiva e plástica e sujeita a quaisquer impressões. Em consequência, mesmo aqueles que compreendem sua inutilidade e passam a repudiá-la, às vezes, conservam resquícios dos seus princípios.

Outra característica que determina a aceitação da religiosidade é o fato dela assentar na dúvida e se apoiar na fraqueza dos homens. É o conforto dos tolos e fraços, e explora o orgulho e a vaidade.

A Religião é como um advogado canalha que defende todas as causas. Quando o religioso empreende qual quer coisa, devido aos recalques, instintivamente, volta o pensamento a Deus, invocando sua ajuda para ser bem sucedido. No fim, se consegue êxito, acredita que foi auxiliado em seu pedido; se fracassa, resigna-se com a idéia de que o Poderoso não quis, e que talvez o sucesso lhe trouxesse más consequências. Dêsse modo o crente está sempre sob a confortadora guarda da «proteção Divina».

A religião, oficial ou oficiosa, tem por finalidade cultivar a ignorância e enfraquecer a vontade dos homens. Manda obedecer ao Estado porque não paga impostos e ainda recebe sub-

venções da sua parte, como aliada sua que é, para esse fim. Ensina a ser servil ao Capitalismo em recompensa a este, que a sustenta. Torna, enfim, o sujeito um autômato sempre disposto a renunciar e a sofrer sem reagir, dizendo que «é a vontade de Deus».

Os sacerdotes são homens que em nada diferem dos outros mortais, dotados dos mesmos sentimentos e fraquezas; contudo, fazem-se passar por entes privilegiados. Dizem-se pela paz e benzem espadas e canhões. Aconselham jejum e comem à tripa fôrra. Pregam a humildade e vivem em palácios. Louvam a pobreza e ficam milionários. Condenam o amor e rendem tributo a Cupido. Maldizem do alcoolismo e prestam homenagem a Baco. E ainda têm o descaramento de intitular-se ministros plenipotenciários do Salvador «perdoando e condenando as almas» à revelia.

A Igreja católica é a que mais tem abusado da boa fé dos incautos e, naturalmente, a que maiores males tem causado à humanidade. O clero é uma classe parasitária que arranca tudo da sociedade dando em troca... esperança e ilusão. Vende bênçãos e perdões há vinte séculos sem que ninguém tenha sido beneficiado com isso

A Igreja protestante é outro foco de ilusionismo, com tôdas as suas seitas, adotando os mesmos princípios para alcançar idênticos fins: a servilização dos menos esclarecidos.

O espiritismo afina-se pelo mesmo diapasão. Faz parte da mesma casta e utiliza-se de processos semelhantes.

A religião tem interesse em fomentar o obscurantismo porque comercia com a ignorância humana. Onde há esclarecimento, a ciência substitui a Religião. Infelizmente ainda há quem acredite que o homem foi criado por Deus a despeito de estar provado o contrário pela Teoria Evolucionista.

As arbitrariedades e as perseguições religiosas são temidas através dos tempos. Ainda hoje há quem tenha receio de confessar publicamente sua irreligião e diga fazer parte dessa ou daquela corrente.

Aqueles que desmascaram os embustes e as mistificações da Religião, transportando os homens das areias movediças da fé para o solo firme da ciência, são apontados como revolucionários.

Paradoxos e entendimentos

Partamos da revolução Bolchevista. Trotsky trai os maknovistas, destrói as Comunas Livres da Ucrânia. Lenine atravessa a Alemanha protegido pelos imperialistas prussianos. A Revolução Russa, até certo ponto, uma revolução das massas, na sua extensão foi uma revolução de líderes. E novamente treme a Igreja. A reação mundial instala-se na Catedral de Pedro. Para felicidade de todos, centenas de padres rolam no ensanguentamento bolchevista. A ligã ateuista propaga na terra dos tzares o ateísmo militante, como força propulsora do mundo. Makhnó morre anos depois, quando o mundo vê que na Rússia a ditadura do proletariado é a ditadura sobre o proletariado. Destroem a obra genial de Makhnó, as comunas livres, porque esta expressão não existe nos livros de Marx nem nas teorias de Lenine, onde paira esta palavra; *lider* (e líder é o êmulo da ditadura). O capitalismo russo, brutal e partidário, difere dos outros, porque um está no

(Como se esse título fosse deshonroso).

A maior parte dos sábios têm sido condenados por se divorciar dessa esposa madrastra; entretanto, nem suas idéias nem suas memórias são esquecidas. A evolução preconiza o seu valor e as futuras gerações consagram-lhes o título de paladinos e heróis.

As chamadas «Santa Inquisição», «Cruzadas» e tantas outras campanhas religiosas que ceifaram milhares e milhares de vidas são inegáveis atentados contra a dignidade humana. E esses carrascos como que enlutados pelos vergonhosos crimes dos antecessores fazem propaganda ininterrupta do extermínio de alguns padrecos ocorridos esporadicamente em algumas partes. Deviam lembrar-se de que toda «ação gera reação» O povo passa a ser perigoso quando descobre que seus direitos estão sendo espoliados.

Assim como atualmente são ridicularizados os povos antigos por adorarem o Boi Apis, o Touro Alado, etc., daqui a cinquenta anos (talvez antes) acharão ridículo os homens da nossa época venerarem estátuas de barro e de madeira, a exemplo dos índios com Tupã.

O dia em que o povo compreender isso, a Religião deixará de existir.

RAUL VITAL

(Da Juventude Libertária)

Vaticano, outro na City e em Wall Street, e êle no Kremlin. Para garantia do misticismo propagado pelos seus agentes, convidou o deão, o diplomata e não sei quantos mais para visitarem a Pátria do Socialismo, e estes, entre as suas linhas de elogio, deixaram transparecer toda a brutalidade de uma ditadura. A Igreja, com Maritain e Ducatillon, a famosa esquerda católica, prega a reconciliação entre o Capitalismo vaticanista e o Capitalismo kremlinista... Como eles se entendem!... E quando será que tremulará a bandeira vermelha na Catedral de Pedro?... e a bandeira da Tiara no Kremlin?... Tudo é possível.

Togliatti chama fascista aquele que for anti clerical; e Prestes aconselha o anti-clerical a renunciar publicamente, se quiser ser fanfante no Partido Comunista do Brasil, vanguarda do povo, etc. etc.

A Espanha é assaltada pelas hordas franquistas abençoadas e benzidas pelo Papa. A Rússia nacionalista não entra em questões de outro país; o capitalismo sorri com os lucros... Como eles se entendem!...

O Papa abençoa os aviadores italianos, assassinos do povo da Etiópia; a Rússia comunista, que não é comunista, nem nada, silencia; Tio Sam fuma «cigarette», calmo e risonho; John Bull traga gostosamente seu charuto, eles já fizeram pior na Índia!..

Chamberlain que «já morreu tarde» abre seu guarda-chuva para Hitler não se resfriar... Como eles se entendem...

Quando resolverá o povo acabar com esses entendimentos vergonhosos através dos séculos?

Talvez quando destruir a Igreja, pois destruí-la é destruir o Estado. Destruir... para que haja um dia reconstrução no mundo!

Nós, anarquistas, que desprezamos e lutamos contra o Estado e a Religião, que pregamos a Verdade e clamamos por Justiça e Liberdade, que odiamos esses cínicos entendimentos, só aceitamos ação direta. E, por isso, quanto nos odeiam!!

Mas cantaremos ainda um dia, num dia de vitória, os versos da Internacional.

HELIO COSTA

(Da Juventude Libertária)

Propague
Ação Direta

Aos anarquistas do Brasil Os parlamentos ou a ineficiência política

AÇÃO DIRETA recebeu dos companheiros de Porto Alegre a seguinte oportuníssima circular:

Camaradas! O movimento anarquista do Brasil ainda se acha débil por culpa dos próprios anarquistas que ainda não constituíram seu organismo específico, ou seja, a **Federação Anarquista Brasileira**, que reuna os esforços dos anarquistas deste país para assentar um programa na fase atual da nossa luta pela emancipação econômica do povo.

Estamos divididos, esparsos, sem comunicações, desorientados por falta desse organismo de coerência.

Nossos inimigos, os eternos exploradores da boa fé proletária, os políticos de todos os matizes, aproveitam-se de nossa fraqueza e, não somente enganam o proletariado com sua política parlamentar, de colaboração burguesa, senão que ainda nos caluniam e difamam apresentando-nos ao povo como inimigos dos trabalhadores.

Essa letargia deve ter fim.

Nós, anarquistas do Brasil, sabemos, através da imprensa libertária, vinda do exterior, que os companheiros de França, Itália e Espanha se preparam para celebrar um Congresso anarquista internacional. Dêsse congresso nascerá a Federação Anarquista Internacional.

Os organizadores do congresso pedem-nos sugestões e essas sugestões deveriam ser enviadas por uma Federação Anarquista criada no Brasil. Ora, nós aqui somos apenas agrupamentos isolados que nem correspondência regular entre si mantêm.

Urge, camaradas, que os anarquistas do Brasil organizem a Federação Anarquista Brasileira, para, se possível, comparecer, nesse caráter, no congresso internacional.

Temos a pedra fundamental do nosso futuro organismo específico. É *Ação Direta*, órgão único, atualmente, dos anarquistas do Brasil. Por seu intermédio, podemos dar nosso parecer, expor nossos pensamentos e promover iniciativas sobre esse e outros assuntos.

Nosso movimento sindical não existe. O proletariado grita, intimamente, pela sindicalização livre, quer organizar-se em seus antigos sindicatos de resistência, mas, não sabe como fazê-lo porque não tem quem os oriente. Os políticos os desviam para seus círculos partidários, organizam congressos sindicais sob a tutela do Ministério do Trabalho e são, assim, arrastados por caminhos opostos aos das suas aspirações.

Nós, anarquistas, presenciemos tudo isso, impassíveis, e não nos erguemos para impedir que os trabalhadores sejam enganados uma e mil vezes pelos vive-dores da política.

Na situação desastrosa em que se encontra o proletariado, sem um organismo de classe que, de fato, defenda seus interesses, urge a criação da Federação Anarquista Brasileira para incentivar a propaganda em todo o território do país e assentar as bases de uma forte campanha pró Sindicalismo Revolucionário. Como consequência, a Confederação Nacional do Trabalho no Brasil com seus portavozes de classe sob a mesma orientação.

Companheiros! O primeiro passo para essa imensa obra está dado com a fundação do nosso semanário **Ação Direta**. Nossa agrupação entende que devemos sustentar com todo vigor **Ação Direta** e, por meio dela, ativar a propaganda das federações regionais. Levemos todos o auxílio financeiro indispensável para que **Ação Direta** alargue suas edições.

Meditem os companheiros sobre a iniciativa que os componentes da agrupação, **Os Acratas**, de Porto Alegre propõem a todos. Ativemos sem demora a organização dos grupos em federações estaduais e, ao mesmo tempo, estudemos os meios de realizar um congresso nacional anarquista, para, logo após, criarmos a Federação Anarquista Brasileira.

Esta agrupação espera que os camaradas se pronunciem o mais breve possível, por intermédio de **Ação Direta**, porque, assim, se dará vida a essa obra indispensável, a mais importante no entender desta agrupação.

Pela agrupação anarquista **Os A'cratas** de Porto Alegre.

José Ramón
Orlando Martins

Teoricamente, os parlamentos dizem-se organizados pela vontade da maioria. E a força dessa maioria assenta no «direito» de governar direta ou indiretamente a todos.

Esse é o princípio por que, muitas vezes, não lutado os chamados libertadores, que se são dignos desse nome, é sem dúvida por haverem proclamado a independência de si próprios e não das maiorias que, no mundo inteiro, continuam lutando pela sua liberdade e, ingenuamente, às vezes, à procura de novos «libertadores»

A vontade da maioria, nos parlamentos, é o pretexto com que os embusteiros pretendem justificar suas ambições políticas. Pois não sei que país constitucional se rege verdadeiramente pelas decisões da maioria. Em todos, são inúmeras as leis que não satisfazem nenhum interesse público ou privado. Em todos, há leis que deixam uma maioria de descontentes a levantarem tempestuosos protestos. Em todos, o no-

A força sindical

(Continuação da 1ª pag.)

sindicatos únicos de indústrias, as uniões de sindicatos e as confederações gerais do trabalho constituem um sistema que tem dado provas abundantes da sua eficiência. Formaram-se, porém, noutro tempo, sem obedecer a disposições de lei nem a recomendações de partidos. Assim, pode e deve continuar a ser, pois os próprios trabalhadores, se tiverem liberdade de adotar seus regimes internos e viver a seu modo, chegarão, sem dificuldade, à unidade sindical ao verificarem que esta representa e traduz melhor o largo campo de reivindicações da comunidade.

A influência comunista, organizada em partido absorvente e intolerante, pretende impor ao proletariado uma unidade sindical que é apenas a substituição da tutela legal que tem controlado os pseudo-sindicatos operários. O interesse dos trabalhadores, em clima de liberdade, não está nesse ponto conflituoso. Mais do que unidade sindical, deve ser implantada a liberdade sindical. A liberdade de associação não tolera modelos estatais nem comunistas. A liberdade há de ser livre e não condicionada. A força sindical vem da espontaneidade dos elementos que se associam; mas, não pode gerar força um elo que tem de ser mantido, a força, no seu lugar.

me da maioria veio dogmatizar um rosário de leis que não satisfazem interesse algum, senão o interesse governamental.

Tome-se, ao acaso, qualquer dessas constituições a que se curvam as maiorias e veja-se a segurança e positividade dos artigos que tratam das atribuições do Presidente, dos Ministros, dos Tribunais, dos Senados e das Câmaras, enquanto os direitos individuais e os da maioria são afogados na letra morta da lei e a custo lembrados na constituinte.

Sob a imantização da consciência popular pelo *sufrágio universal*, não existe verdadeiramente o que se possa chamar a maioria. Em qualquer dos sistemas políticos é sempre uma minoria que governa. Minoria essa eleita por outra minoria... pois, como demonstra Ricardo Mella — «De cada 100 eleitores, 40 se abstêm, 20 votam no candidato vencido, o que completa 60, e os 40 restantes compõem essa decantada maioria.» (*La Ley del Número*, pág. 11.) E observe-se que não são eleitores os menores de idade, as praças de pré e os analfabetos que são, talvez, metade da nação e têm direitos e interesses iguais aos *homens*. Se se alega, contudo, que eles não possuem consciência política, isso vem demonstrar a insuficiência do maquinismo fraudatário do *sufrágio universal* como lei das maiorias. É que, portanto, a humanidade age erradamente no processamento das eleições. Pois a lei das maiorias é uma ficção, ficção formidável que permite a agiotagem organizada descaradamente pelos que fazem da política profissão lucrativa.

Onde há absoluta submissão econômica da maioria aos adinheirados, como se procederá para que a imensa maioria possa votar livremente?

Toda autoridade constituída, quer provenha da força, quer do número, à radicalmente antagônica é liberdade individual.

As leis do homem e os códigos que, para muitos são fatos consumados, são para outros, mais profundos e conscientes, verdadeiras imposições contrárias à própria natureza. Os interesses comuns não podem ser prévios e uniformemente regulamentados porque a comunidade, por mais estreita que seja, encerra inúmeras divergências e oposições.

O equilíbrio social, só o conseguiremos por meio da posse em comum das riquezas e da completa liberdade de ação dos indivíduos e

dos grupos. E será inútil qualquer aproximação.

Na solução dos problemas sociais, por uma vida melhor e pela felicidade geral, será frustrado o esforço de superpor remendos.

As minorias egoístas são incapazes de resolver problemas que exigem uma solução altruística. E eis porque são incompetentes os parlamentos, os líderes e os ditadores para solucionar o Problema Social.

J. L. Ney

Noticias anárquicas

1. Em princípios de agosto, o secretariado geral da A. I. T. (*Associação Internacional de Trabalhadores*) com sede em Estocolmo, Suécia, organizou um subcomitê da mesma associação para funcionar na Europa ocidental. O fim desse subcomitê é coordenar os movimentos anárquicos de cada país ocidental, movimentos impulsionados por cada um dos organismos nacionais: CNT espanhola, CNT francesa, USI italiana, CGT portuguesa, os grupos autônomos da Inglaterra, Bélgica, Holanda, etc.

A iniciativa tem sido saudada com entusiasmo pelos companheiros europeus.

2. **Holanda.** Pouco temos ouvido falar do movimento anarquista nesse país. Agora, vemos no serviço de imprensa da A. I. T. que a central sindical unitária de Holanda está muito influenciada por comunistas embora nelas militem anarcossindicalistas. Estes, para desenvolverem sua propaganda, criaram a *Fundação Rudolf Rucker* que está editando um periódico *Socialisme van onder op* (Socialismo de baixo para cima).

Aos 2 de junho, celebrou a Fundação um congresso em Amsterdã, onde 230 delegados representaram 23 grupos. Deve ter-se realizado, nos dias 7 e 8 de setembro, um congresso que organizaria, definitivamente, o movimento libertário holandês.

3. O governo sueco negou-se a entregar à Rússia os cinco oficiais e marinheiros russos que fugiram num navio para a Suécia. A Rússia pedia extradição por terem assassinado dois oficiais que se opuseram à fuga. A Suécia chamou a si o julgamento por haverem alegado os foragidos ter o crime sido político. Os tribunais suecos não acharam razão nas alegações do governo russo e não entregaram os réus.

A propósito, comentou assim a *Neue Zürcher Zeitung*: «Se os homens fossem reconduzidos para a Rússia seriam, sem a menor dúvida, fuzilados imediatamente pelas autoridades russas. Oposição ao governo da Rússia é grave crime para o qual a penalidade é a capital. Os trabalhadores da Rússia estão sujeitos a uma repressão tão viciosa quanto a desenvolvida na Alemanha por Hitler e seu corrilho.»

AVISO

Pedimos aos colaboradores que, dada a pequenez de AÇÃO DIRETA, reduzam seus artigos o mais possível. Temos em nossa mesa várias colaborações que, por demasiado extensas, não podem ser publicadas, embora excelentes,